

VENITE ADOREMUS



**TEXTOS DE DOM JAVIER
ECHEVARRÍA SOBRE O NATAL**

VENITE ADOREMUS

Trechos das cartas pastorais de Dom Javier Echevarría sobre o Natal .

© *Oficina de Informação do Opus Dei*, 2016

ÍNDICE

Introdução

- Dezembro 2006. Presença constante do Senhor
- Dezembro 2007. Deus Vem
- Dezembro 2008. A naturalidade do nascimento de Deus
- Dezembro 2009. Preparar sua chegada
- Dezembro 2010. A "Palavra" fez-se pequena
- Dezembro 2011. O belém em nossa alma
- Dezembro 2012. Filhos da luz
- Dezembro 2013. Veio a este nosso mundo
- Dezembro 2014. Glória a Deus nas alturas
- Dezembro 2015. A festa da alegria
- Dezembro 2016. Contemplados por Deus

Compartilhar...

INTRODUÇÃO

Este livro recolhe fragmentos das cartas que, mensalmente, Dom Javier Echevarría escreveu durante anos aos fiéis do Opus Dei, e que foram publicadas no site da prelazia.

Com o falecimento do prelado no passado 12 de dezembro de 2016, e com ocasião do Natal, juntamos algumas reflexões e conselhos espirituais que ofereceu Dom Javier Echevarría sobre este tempo litúrgico nas cartas de dezembro, desde o ano 2006 até 2016.

[Voltar ao índice](#)

PRESENÇA CONSTANTE DO SENHOR

(DEZEMBRO DE 2006)

Temos de colaborar ativamente na instauração do reino de Deus na terra. E temos de levá-lo a cabo dia após dia, nas circunstâncias da vida diária, preparando o constante advento do Senhor às almas. Não esqueçamos, com efeito, que Jesus Cristo não veio somente no primeiro Natal, nem se apresentará somente no fim dos tempos. O Senhor deseja estar constantemente presente nas nossas almas e conta conosco para santificar todas as realidades humanas nobres. Atua deste modo mediante a graça dos sacramentos – especialmente da Confissão e da Eucaristia – e também mediante o exemplo e a palavra dos seus discípulos, dos seus amigos.

Se na primeira parte do Advento, como referia no princípio desta carta, a liturgia nos orienta para a segunda vinda de Cristo, a partir do dia 17 de dezembro o seu horizonte concentra-se na preparação imediata do Natal. Caminhemos, pois, em direção a Belém, muito unidos a Maria e José. Eles hão de ensinar-nos a tratar Jesus com carinho e delicadeza, a segui-lo e a enamorar-nos dEle. Fruto dessa maior intimidade será aquela aspiração que São Josemaría expressava há setenta e cinco anos: Quero que a minha simples presença seja bastante para incendiar o mundo, em muitos quilômetros à volta, com um incêndio inextinguível. Quero saber que sou teu. Depois, venha a Cruz: nunca terei medo da expiação... Sofrer e amar. Amar e sofrer. Magnífico caminho! Sofrer, amar e crer: fé e amor. Fé de Pedro, Amor de João. Zelo de Paulo »¹.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ São Josemaría Escrivá, Apontamentos íntimos, 28.12.1931. Cit. em Andrés Vázquez de Prada, O fundador do Opus Dei, vol. I, Quadrante, São Paulo, 2004, págs. 377-378.

DEUS VEM (DEZEMBRO DE 2007)

«Detenhamo-nos por uns instantes a considerar, com palavras de Bento XVI, que “a liturgia não usa o passado – Deus veio – nem o futuro – Deus virá –, mas sim o presente: «Deus vem». Como podemos verificar, trata-se de um presente contínuo, isto é, de uma ação que se realiza sempre: está acontecendo, acontece agora e acontecerá também no futuro. Em todos os momentos, «Deus vem». “O verbo «vir» apresenta-se como um verbo «teológico», e mesmo «teologal», porque diz algo que se prende com a própria natureza de Deus. Portanto, anunciar que «Deus vem» significa anunciar simplesmente o próprio Deus, através de um dos seus traços essenciais e característicos: é o Deus-que-vem. “O Advento convida os crentes a tomar consciência desta verdade e a agir coerentemente. Ressoa como um chamamento salutar que se repete ao longo dos dias, das semanas, dos meses: «Desperta. Lembra-te de que Deus vem». Não ontem, não amanhã, mas hoje, agora. O único Deus verdadeiro, «o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó», não é um Deus que está no céu, desinteressando-se de nós e da nossa história, mas é o Deus-que-vem. “É um Pai que nunca deixa de pensar em nós e que, respeitando totalmente a nossa liberdade, deseja encontrar-se conosco e visitar-nos; quer vir, quer viver no meio de nós, permanecer em nós. Vem porque deseja libertar-nos do mal e da morte, de tudo o que impede a nossa verdadeira felicidade. Deus vem salvar-nos»¹.

O Advento traz consigo uma chamada para que tenhamos muito presente que *Dominus prope*², que o Senhor está perto. A cada ano, volta a impressionar-me este grito da liturgia, que podemos interpretar em muitos sentidos, adaptando essas palavras às nossas particulares necessidades espirituais. Lembremo-nos mais desta realidade gozosa, com mais profundidade, quando o seguimento de Cristo nos parecer árduo, exigente, persuadidos de que a nossa resistência se desfará se permitirmos que essa proximidade se converta em intimidade.

Dominus prope, entre outras razões, porque se encontra no centro da nossa alma em graça; tão perto, tão perto, que não pode está-lo mais. Quer morar conosco, dentro de nós.

Podemos pensar também no *Dominus prope*, porque se aproxima a comemoração desse momento sublime em que o Todo-Poderoso, o Onipotente, que de nada precisa, quis demonstrar – quando chegou a plenitude dos tempos – que tem as suas complacências postas nas criaturas humanas, em cada um de nós: «*deliciæ meæ esse cum filiis hominum*» (*Prv* 8, 31), a minha delícia é estar com os filhos dos homens.

O *Dominus prope* serve-nos também para reforçar a chamada ao apostolado. Empenhamo-nos mais, diariamente, em anunciar à nossa volta, sem respeitos humanos, que Deus está muito perto e bate à porta da alma: Abre-me, minha irmã, minha amada, minha pomba, minha preciosa! (*Ct* 5, 2), diz-nos Ele a todos, como a Esposa do Cântico dos Cânticos. É preciso franquear-lhe imediatamente a entrada no coração, não permitir que passe ao largo: não nos aconteça o mesmo que à Esposa do Cântico, pela sua demora em responder: Abri ao meu amado, mas o meu amado já não estava, tinha-se retirado (*ibid.*, 6).

Decidamo-nos novamente a preparar-nos muito bem para o Natal. Estamos na primeira semana do Advento e devemos perguntar-nos: Com que frequência temos repetido já: Veni, Domine Iesu (*Apoc* 22, 20), vem, Senhor Jesus? Em quantas ocasiões consideramos essa frase da Escritura, que descobrimos nestes dias com um sentido mais pleno: Rorate coeli (*Is* 45, 8), que se abram os céus e as nuvens chovam o Justo? Que se abra a terra!, podemos acrescentar. Os céus abriram-se e abrem-se constantemente, porque o Senhor nos segue a todas as horas; mas devemos decidir-nos a rasgar o nosso coração, a nossa terra, para que se impregne desta chuva divina, a graça, que quer curar-nos, santificar-nos e fazer-nos

eficazes.

[Voltar ao índice](#)

* * *

- 1 Bento XVI, Homilia nas Primeiras Vésperas do Domingo I do Advento , 2-12-2006
- 2 *Liturgia das Horas*, Segundas Vésperas do Domingo I do Advento , Leitura Breve *Flp* 4, 5.

A NATURALIDADE DO NASCIMENTO DE DEUS

(DEZEMBRO DE 2008)

Durante essas datas, seguindo um conselho do nosso Padre, podemos acompanhar Nossa Senhora e São José na sua viagem a Belém. Nos momentos de oração pessoal, e ao longo do dia, coloquemo-nos muito perto deles, prestando-lhes com o desejo algum serviço, desagradando por aqueles que então – e também agora – não souberam acolher o Filho de Deus quando veio à terra. Não é pura imaginação, mas um modo de exercitarmos de modo concreto a nossa fé no mistério da Encarnação.

O Natal mostra-se aos nossos olhos como uma escola extraordinária; aproveitemos as lições que Jesus nos dá. Como lembrava o nosso Padre, detenhamo-nos na naturalidade do seu nascimento. Começa por permanecer nove meses no seio de sua Mãe, como qualquer outro homem, com extrema naturalidade. O Senhor sabia de sobra que a humanidade necessitava dEle com urgência. Tinha, portanto, fome de vir à terra para salvar todas as almas. Mas não precipita o tempo; vem na sua hora, como chegam ao mundo os outros homens¹.

Também podemos considerar a sua simplicidade. O Senhor vem sem estrondo, desconhecido de todos. Na terra, só Maria e José participam da aventura divina. Depois, os pastores, avisados pelos anjos. E, mais tarde, os sábios do Oriente. Assim se realiza o fato transcendente que une o céu à terra, Deus ao homem!².

Imitando com decisão o Mestre, podemos unir o divino ao humano na nossa existência quotidiana. Basta que nos esforcemos por colocar Deus no centro da nossa atividade, empenhando-nos em cumprir os nossos deveres para dar-lhe glória, e retificando os motivos que poderiam dificultá-lo. Nesses dias anteriores ao Natal, não esqueçamos que Maria e José continuam a chamar as almas, como então batiam à porta das casas de Belém. Não me afasto da mais rigorosa verdade – assegurava São Josemaria – se digo que Jesus continua ainda hoje a buscar pousada no nosso coração. Temos de pedir-lhe perdão pela nossa cegueira pessoal, pela nossa ingratidão. Temos de pedir-lhe a graça de nunca mais lhe fecharmos a porta das nossas almas⁴. Nas próximas semanas, a liturgia, fazendo-se eco da voz de Jesus, recomenda-nos que vigiemos: Vigiai, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor[15]. É o mesmo que o Papa recorda a todos os cristãos. “Jesus, que no Natal veio a nós e voltará glorioso no fim dos tempos, não se cansa de visitar-nos continuamente nos acontecimentos de cada dia. Pede-nos que estejamos atentos para nos apercebemos da sua presença, do seu advento, e adverte-nos que devemos esperá-lo vigiando [...]. Preparemo-nos para reviver com fé o mistério do nascimento do Redentor, que encheu de alegria o universo”⁵.

[Voltar ao índice](#)

- 1 São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 18.
- 2 *Ibid.*
- 3 *Ibid.*, n. 19.
- 4 *Mt* 24, 42.
- 5 Bento XVI, Homilia no primeiro domingo do Advento, 2-12-2007.

PREPARAR SUA CHEGADA (DEZEMBRO DE 2009)

Há vinte séculos, a chegada de Deus ao mundo realizou-se silenciosamente. Somente os anjos e um pequeno grupo de pessoas humildes – os pastores – compartilharam com a Santíssima Virgem e São José o júbilo do nascimento do Redentor. Também agora a constante vinda do Senhor se realiza no silêncio. Mas onde há fé, onde a sua palavra é anunciada e escutada, Deus reúne os homens e entrega-se a eles no seu Corpo, transforma-os no seu Corpo. Ele “vem”. E assim o coração dos homens desperta. O cântico novo dos anjos converte-se em cântico dos homens que, ao longo dos séculos, e de maneira sempre nova, cantam a chegada de Deus como uma criança e se alegram no mais profundo do seu ser ¹

Procuremos dar pleno sentido aos sinais externos destes dias cristãmente festivos. Ponhamos empenho em devolver ao ambiente destas semanas o seu significado genuíno. Sempre é possível, por exemplo, difundir os tradicionais costumes espirituais e de devoção próprios destas datas: montar o presépio em casa; visitar os presépios que se colocam nas igrejas e em outros lugares, talvez em companhia de outras pessoas da família; sublinhar o sentido espiritual da árvore de Natal e dos presentes próprios destas datas, que são um modo de lembrar-se de que é da Cruz que procedem todos os bens...(..)

Olhemos para o exemplo da Virgem. Que relevância tinha aos olhos humanos uma donzela, quase uma criança, de um lugar tão desconhecido como Nazaré? E, no entanto, Deus reparou nela e converteu-a em Mãe do Verbo encarnado e redentor. Contemplemo-la outra vez na cena da Visitação a Santa Isabel, como nos propõe o IV Domingo do Advento no Evangelho. O cântico do Magnificat, fruto do trato habitual de Nossa Senhora com Deus, alimentado pela sua familiaridade com a Sagrada Escritura, revela-se como um cântico de absoluta confiança no poder de Deus e, portanto, repleto de um júbilo santo.

A nossa Mãe meditara longamente sobre as palavras das mulheres e dos homens santos do Antigo Testamento, que esperavam o Salvador, e sobre os acontecimentos de que tinham sido protagonistas. Admirara aquele cúmulo de prodígios, o esbanjamento da misericórdia de Deus sobre o seu povo, tantas vezes ingrato. Agora, ao considerar essa ternura do Céu, incessantemente renovada, brota o afeto do seu Coração imaculado: A minha alma glorifica o Senhor e o meu espírito exulta de alegria em Deus, meu Salvador. Porque pôs os olhos na baixeza da sua escrava (Lc 1, 46-48). Os filhos desta Mãe boa, os primeiros cristãos, aprenderam com Ela, e nós também podemos e devemos aprender ².

Façamos nossa a lição de Maria. O Senhor deu aos cristãos o mundo por herança³, e temos a certeza de que a sua palavra se cumprirá com a nossa colaboração, porque Ele quis – na sua bondade – contar com cada um de nós. Por isso temos de ser otimistas, mas com um otimismo que nasça da fé no poder de Deus – Deus não perde batalhas –, com um otimismo que não proceda da satisfação humana, de uma complacência néscia e presunçosa⁴.

* * *

- 1 Bento XVI, Homilia na Natividade do Senhor, 25-12-2008.
- 2 São Josemaria, Amigos de Deus , n. 241.
- 3 Cfr. *Sal* 2, 8.
- 4 São Josemaria, É Cristo que passa , n. 123.

A "PALAVRA" FAZ-SE PEQUENA (DEZEMBRO DE 2010)

Faz alguns anos, o Papa (Bento XVI) comentava que «os Padres da Igreja, na sua tradução grega do Antigo Testamento, usaram umas palavras do profeta Isaías que São Paulo também cita para mostrar como os novos caminhos de Deus já tinham sido prenunciados no Antigo Testamento. Lia-se ali: “Deus cumpriu a sua palavra e abreviou-a” (Is 10, 23; Rom 9, 28) (...). O próprio Filho é a Palavra, o Logos; a Palavra eterna fez-se pequena, tão pequena que pudesse caber num presépio. Fez-se criança para que a Palavra estivesse ao nosso alcance»¹. . E o Santo Padre acrescenta, na sua recente Exortação apostólica: «Agora, a Palavra não só pode ser ouvida, não só tem uma voz, como tem um rosto que podemos ver: Jesus de Nazaré»².

Prossigamos, assim, no nosso caminho cristão com segurança e grande contentamento. «O Natal lembramos que o Senhor é o princípio, o fim e o centro da criação: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1, 1). É Cristo, filhas e filhos meus, quem atrai todas as criaturas: “Tudo foi feito por Ele, e sem Ele nada foi feito” (Jo 1, 3). E ao encarnar-se, vindo viver entre nós (cf. Jo 1, 14), demonstrou-nos que não estamos na vida para buscar uma felicidade temporal, passageira. Estamos nela para alcançar a bem-aventurança eterna, seguindo os seus passos. E só conseguiremos isto aprendendo-o dEle»³(...).

Para compreendermos bem a Palavra de Deus, além de avivar a fé, esforcemo-nos por ler e meditar a Bíblia no clima espiritual em que foi escrita. Por isso é necessário que, ao relermos detidamente o Evangelho e os outros livros inspirados, fomentemos uma atitude pessoal de escuta. A Sagrada Escritura, sobretudo quando é proclamada dentro da celebração litúrgica, sempre recobra atualidade, transmite a novidade das coisas de Deus à pessoa concreta que a ouve com atenção e deseja assimilá-la. Como escreve São Josemaria, as suas palavras são «luzes do Paráclito, que fala com voz humana para que a nossa inteligência saiba e contemple, para que a vontade se robusteça e a ação se cumpra, porque somos um só povo que confessa uma só fé, um Credo, um povo congregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo»⁴ (...).

Acolhamos, pois, os reiterados convites com que São Josemaria nos pede que nos sirvamos com frequência dos textos da Bíblia para alimentarmos os nossos tempos de oração e contemplarmos as cenas da vida de Cristo, introduzindo-nos no Evangelho «como um personagem mais». Os textos litúrgicos da Missa, tanto no Advento como no Natal, irão impelir-nos fortemente a crescer em familiaridade com a Palavra de Deus e a aumentar a nossa intimidade com Jesus, Maria e José. Entremos nas suas vidas com decisão, acompanhando os três de todo o coração.

- 1 Bento XVI, Homilia na Missa da Vigília do Natal, 24-12-2006.
- 2 Bento XVI, Exortação apostólica *Verbum Domini*, 30-9-2010, n. 12.
- 3 São Josemaria, Notas de uma meditação, 25-12-1972.
- 4 São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 89, citando São Cipriano, *De dominica oratione*, 23 (PL 4, 553).

O BELÉM EM NOSSA ALMA (DEZEMBRO DE 2011)

Quantas vezes já invocamos, com o coração ou com os lábios: Veni, Domine Iesu? ¹? Saboreemos essa frase da Escritura, que a liturgia aplica à expectativa do nascimento de Cristo: Enviai, céus, o orvalho, e que as nuvens chovam o justo; que a terra se abra e faça germinar o Salvador². O firmamento rasgou-se há vinte séculos para a chegada do Redentor ao mundo, e o mesmo acontece cada dia, quando Jesus se aproxima de nós com a sua presença sacramental na Sagrada Eucaristia. Cabe-nos, portanto, a cada uma e a cada um de nós, abrir o coração de par em par para que se impregne desse orvalho divino que nos quer tornar eficazes. Por isso, a melhor maneira de nos prepararmos para a vinda espiritual de Cristo no próximo Natal consiste em prepararmos bem o nosso corpo e a nossa alma para recebê-lo cada dia com um novo fervor na Sagrada Comunhão. Como é que vamos desfiando estes dias? Como é que desejamos que a humanidade acolha o Senhor? Aproveitamos as luzes e a ornamentação das ruas para pedir que Deus obtenha a resposta que merece?

O nosso Padre incitava-nos a aproveitar estas semanas para construir com o coração um presépio para o nosso Deus. Estais lembrados de quando éreis crianças? Com que gosto sabíamos preparar o Nascimento, com as suas montanhas de cortiça, as suas casas minúsculas, e todas essas figurinhas dispostas à volta da manjedoura onde Deus quis nascer!³. E detinha-se numa consideração que se pode aplicar a todos os fiéis: Sei bem que, quanto mais tempo passa, uma vez que o Opus Dei é para cristãos adultos que por amor de Deus sabem fazer-se crianças, as minhas filhas e os meus filhos vão sendo cada dia mais pequenos. Com maior entusiasmo, pois, do que nos nossos anos de infância, teremos preparado a gruta de Belém na intimidade da nossa alma ⁴.

Ao meditar no extraordinário acontecimento que comemoramos, o Papa convida a pensar que o cumprimento da palavra que se inicia na noite de Belém é, ao mesmo tempo, imensamente maior e – do ponto de vista do mundo – mais humilde do que aquilo que a palavra profética permitia intuir⁵. Isaías e todos os profetas só entreviram o que aconteceria no Natal. O cumprimento daquela palavra contém uma força muito maior, incomensurável, porque, com a encarnação e o nascimento do Verbo, foi vencida a distância entre Deus e o homem. Deus não somente se inclinou para a terra, como dizem os Salmos, mas “desceu” realmente, entrou no mundo, fazendo-se um de nós para nos atrair a todos a si⁶. Por outro lado, tudo se passou na mais profunda humildade: esse Deus sapientíssimo, todo-poderoso, eterno, oferece-se aos homens como uma criancinha recém-nascida, inerte, necessitada de uns braços humanos que lhe deem abrigo e de uns corações que a amem de verdade. Temos de comportar-nos como Maria e José o fizeram na noite de Belém: no silêncio da oração, dos nossos atos de presença de Deus durante o dia e ao recebê-lo sacramentalmente na Eucaristia. O próprio fato de armarmos o presépio nos nossos lares exprime que estamos à espera, que Deus se aproxima de nós [...], mas também é expressão da ação de graças que dirigimos Àquele que decidiu compartilhar a nossa condição humana na pobreza e na simplicidade⁷ (...).

Voltar ao índice

* * *

- 1 *Ap 22, 20.*
- 2 *Missal Romano, Domingo IV do Advento, Antífona de entrada (Is 45, 8).*
- 3 *São Josemaria, Notas de uma meditação, 25-12-1973.*
- 4 *Ibid.*
- 5 *Bento XVI, Discurso na audiência geral, 22-12-2010.*
- 6 *Ibid.*
- 7 *Bento XVI, Discurso na audiência geral, 22-12-2010.*

FILHOS DA LUZ (DEZEMBRO DE 2012)

"A Sabedoria que nasce em Belém é a Sabedoria de Deus (...), quer dizer, um desígnio divino que por um longo tempo permaneceu escondido e que o próprio Deus revelou na história da salvação. Na plenitude dos tempos, esta Sabedoria tomou um rosto humano, o rosto de Jesus" ¹.

Preparemo-nos com fé para esta grande festa, que é a festa da alegria por antonomásia. Vivamo-la com toda a humanidade. Vivamo-la com todos os fiéis da Obra. Apresentemo-nos a este encontro com a firme decisão de contemplar a grandeza infinita e a humildade de Jesus Cristo, que assumiu a nossa natureza – outra manifestação de como nos ama –, e não nos cansemos de olhar para Maria e José, mestres maravilhosos de oração, de amor a Deus.

A Palavra que se faz carne é o Verbo eterno de Deus, que nos conquistou a condição de sermos nEle filhos de Deus: Vede que amor tão grande nos mostrou o Pai, para que sejamos chamados filhos de Deus. E nós o somos! ². E São Josemaria comenta: Filhos de Deus, irmãos do Verbo feito carne, dAquele de quem foi dito: N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens (Jo 1, 4) . Filhos da luz, irmãos da luz: é isso que somos. Portadores da única chama capaz de inflamar os corações feitos de carne³. Desejo que não faltemos a este encontro da celebração da chegada de Deus à terra: consideremos nesses dias qual é o nosso empenho por melhorar o nosso modo de estar com Jesus, de viver com Jesus, de ser de Jesus(...).

Ano de fé, Natal: que oportunidade tão grandiosa para que cuidemos mais do apostolado, para que nos sintamos mais estreitamente unidos à humanidade inteira!

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ Bento XVI, Homília nas Vésperas de 17-12-2009.

² 1 Jo 3, 1.

³ São Josemaria, É Cristo que passa, n. 66.

VEIO A ESTE NOSSO MUNDO (DEZEMBRO DE 2013)

A vida interior – ensinava o nosso Padre – não é sentimento. Quando vemos com clareza que vale a pena mortificarmo-nos um dia e outro, um mês e outro mês, e outro ano, e a vida inteira, porque depois nos aguarda o Amor no Céu, quantas luzes temos! Filhos da minha alma, é preciso represar tudo isso. É preciso fazer na nossa alma como que um açude que recolha todas essas graças de Deus: a clareza, a luz, a doçura da entrega. E quando vier a escuridão, a noite, a amargura, será preciso que nos lancemos no meio dessas águas limpas da graça do Senhor. Embora esteja cego neste momento, eu vejo, sei que sou regado pelas águas que jorram do Coração de Cristo até à vida eterna. Então, meus filhos, perseveraremos na luta¹.

Desta forma, encontrar-nos-emos em condições de ajudar outras pessoas para que também caminhem diligentemente pelas sendas da fé. Com efeito, a fé não somente olha para Jesus, mas olha do ponto de vista de Jesus, com os seus olhos: é uma participação no seu modo de ver². E o Senhor tinha olhos para cada pessoa considerada singularmente e para a multidão no seu conjunto. Desceu a este nosso mundo por cada um e por todos, e prossegue a sua obra salvadora por todos e cada um de nós. Assim, a nossa missão concretiza-se em levarmos todas as pessoas que encontremos no caminho da nossa existência ao contacto com Jesus, começando pelas mais próximas. Assim se comportaram os primeiros cristãos, que operaram a conversão do mundo pagão.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 17-2-1974.

² Papa Francisco, Litt. enc. Lumen fidei, 29-6-2013, n. 18.

GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS

(DEZEMBRO DE 2014)

«Ele entrou no mundo, fazendo-se um de nós, para levar à plenitude o Seu plano de amor. E Deus pede-nos que, também nós, nos tornemos um sinal da Sua obra no mundo. Através da nossa fé, da nossa esperança e da nossa caridade, Ele quer entrar no mundo sempre de novo e, sempre de novo, deseja fazer resplandecer a Sua luz na nossa noite»¹.

A vinda gloriosa de Cristo porá fim a todas as injustiças e pecados, mas consideremos seriamente que, já agora, o Senhor nos convoca para O ajudarmos a comunicar a outras almas os frutos da Redenção. Milhões de pessoas, sem o saberem, aguardam a manifestação dos filhos de Deus²: de ti, de mim, de tantos homens e mulheres de boa vontade. Com as nossas obras e as nossas palavras, havemos de lhes mostrar que o mundo em que crescemos, com todos os seus problemas e contradições, não se reduz a um local inóspito, para onde fomos lançados por um destino impessoal e cego, mas que é o lugar do encontro jubiloso com Deus, todo misericórdia, que enviou o Seu Filho ao mundo e que assiste a Igreja mediante a presença sempre atual do Espírito Santo.

Nos dias que se aproximam, gentes de quase todo o mundo desejam entre si paz e felicidade. Façamos nosso, uma vez mais, o cântico que ressoou no primeiro Natal: Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens por Ele amados³. Nesse momento foram os anjos que o entoaram, agora cabe a nós, aos cristãos, cantá-lo com o bom exemplo e com as nossas palavras de misericórdia e de perdão, com o nosso apostolado constante.

Peçamos a Deus que a violência seja vencida com a força do amor, a todos os níveis da existência. Que os desejos de bondade e de amor que as pessoas trocam nestes dias atravessem realmente todos os ambientes da vida quotidiana. Uma súplica que enviamos ao Céu, recorrendo à mediação materna de Maria Santíssima, recorrendo também à intercessão de S. José, de S. Josemaria e de todos os santos. A eles e a todos vós peço que se unam à minha incessante oração pela Igreja e pelo Papa, pela Obra e por cada um dos seus fiéis e cooperadores, por todo o mundo.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ Bento XVI, Discurso na audiência geral, 5-XII-2012.

² Cfr. *Rm* 8, 19.

³ *Lc* 2, 14.

A FESTA DA ALEGRIA (DEZEMBRO DE 2015)

O Natal, verdadeira festa da alegria, é um convite real para adorarmos Deus e dar-Lhe graças pela Sua benevolência. Nós, os milhares de pessoas que nos alimentamos do espírito da Obra, desejamos – como o nosso Padre dizia numa meditação pregada numa destas festas – representar toda a humanidade. Estamos certos que (...) em todos os lugares do mundo, também nalgum sítio onde se persegue a Igreja, haverá irmãos e irmãos vossos que se sentem representantes de todos os homens e dizem ao Senhor: sabemos que nasceste hoje. Viemos adorar-Te em nome de todas as criaturas: Veníte, adorémos. Porque estas palavras são uma resposta da Santa Igreja ao clamor dos Anjos que se ouviu no mundo, rompendo o silêncio dos séculos¹.

Bento XVI sublinhava, há dez anos, que nestas celebrações, tanto a liturgia como a piedade popular recorrem a símbolos que nos tornam mais evidente o significado do Natal. A luz e os enfeites evocam o desejo do bem que vive no mais profundo do coração humano: “A luz do bem que vence o mal, do amor que supera o ódio, da vida que derrota a morte” ². Portanto, “ao vermos as ruas e praças das cidades enfeitadas com luzes resplandecentes, recordemos que estas luzes evocam outra luz, invisível aos olhos, mas não ao coração. Enquanto as apreciamos, ao acendermos as velas nas igrejas ou a iluminação do presépio e da árvore de Natal nas nossas casas, o nosso ânimo se abra à verdadeira luz espiritual, trazida a todos os homens de boa vontade. O Deus conosco, nascido da Virgem Maria em Belém, é a Estrela da nossa vida!”³.

Esforcemo-nos para que os detalhes exteriores que adornam o Natal em casa e em muitos outros locais não se reduzam a fogos de artifício⁴, mas que sejam meios que nos facilitem acolher Jesus mais generosamente. Com a nossa atuação, ajudemos a que muitas pessoas tomem consciência do que significa esta Noite Santa, para que todos nos comportemos como bons filhos de Deus.

Contemplamos a Virgem Maria, com São José, cuidando de Jesus recém-nascido na pobre gruta que os alojou em Belém. A tradição de fazer o Presépio é uma magnífica recordação de que o Verbo Divino habitou entre nós⁵. “O Presépio é expressão da nossa espera, de que Deus se aproxima de nós, de que Jesus vem a nós, mas é também uma expressão de ação de graças Àquele que decidiu partilhar a nossa condição humana, na pobreza e na simplicidade”⁶.

Não deixemos que se perca este costume nos lares cristãos. Vamos começar por montá-lo com carinho sincero nas nossas casas – pelo menos as figuras centrais – e por recomendar esta decisão aos amigos e conhecidos. Muitos de nós lembramo-nos do entusiasmo com que, quando éramos pequenos, preparávamos o Presépio, ajudados talvez pelos nossos pais e irmãos mais velhos. O nosso Fundador também se alegrava ao lembrar esses momentos. De fato, já tinham passado muitos anos da sua infância, quando escreveu: Devoção de Natal. - Não sorrio quando te vejo fazer as montanhas de musgo do Presépio e dispor as ingênuas figuras de barro em volta da gruta. - Nunca me pareceste mais homem do que agora, que pareces uma criança.⁷.

Na gruta de Belém, o Céu e a Terra tocam-se, porque ali nasceu o Criador do mundo, o Redentor da humanidade. De lá se espalha uma claridade que é para todos os tempos, também para o nosso, tão necessitado da orientação divina. Ao prepararmo-nos para celebrar de novo a vinda do Senhor, e ao considerar que a sua alegria é estar com os filhos dos homens, enchamo-nos de esperança: Deus prope est, o Senhor aproxima-se sempre de nós, permanece ao nosso lado em cada instante⁸.

Termino com umas palavras do Romano Pontífice, que nos convidam à confiança em Deus e ao otimismo sobrenatural. Falando do Natal, propõe-nos algumas perguntas: Como acolhemos a ternura de Deus? Deixo-me alcançar por Ele, deixo-me abraçar por Ele, ou impeço-O de Se aproximar? (...). O mais importante não é tanto procurá-Lo, mas deixar que seja Ele a procurar-me, a encontrar-me e a cobrir-me amorosamente das suas carícias. Esta é a pergunta que o Menino nos faz com a Sua simples presença: permito a Deus que me queira bem?⁹.

[Volver al índice](#)

* * *

- 1 São Josemaria, Notas de uma meditação, 25-XII-1968.
- 2 Papa Bento XVI, Discurso na Audiência Geral, 21-XII-2005.
- 3 Ibid.
- 4 São Josemaria, *Caminho*, n. 247.
- 5 Cfr. Jo 1,14.
- 6 Bento XVI, Discurso na Audiência geral, 22-XII-2010
- 7 São Josemaria, *Caminho*, n. 557.
- 8 São Josemaria, Cartão de Natal, dezembro de 1968.
- 9 Papa Francisco, Homilia, 24-XII-2014.

CONTEMPLADOS POR DEUS (DEZEMBRO DE 2016)

Nesta nossa época, tão complexa como apaixonante, existe o risco de que a agitação do ambiente nos empurre, quase sem percebermos, para a irreflexão, fazendo-nos perder a perspectiva de que o Senhor está muito perto. Jesus se entrega totalmente a nós, e nada mais natural que nos peça muito. Não entender esta realidade significa não compreender ou não penetrar no Amor de Deus.

Mas não vamos imaginar situações anormais ou extraordinárias. O Senhor espera que nos esmeremos no desempenho dos deveres mais comuns, próprios de um cristão. Por isso vos proponho que estas semanas – que em tantos países se caracterizam por um crescendo de preparativos exteriores para o Natal –, pressuponham, no vosso caminhar, um crescendo de recolhimento no trato com Deus e no generoso e alegre serviço aos outros. No meio das pressas, das compras – ou das dificuldades econômicas, talvez ligadas a uma falta de segurança social –, de guerras ou catástrofes naturais, temos que saber que somos contemplados por Deus. E assim encontraremos a paz do coração. Olhemos para Cristo que chega, como há algumas semanas o Papa comentava, citando uma frase bem conhecida de Santo Agostinho: “Tenho medo de que o Senhor passe” e eu não O reconheça, que o Senhor passe ao meu lado numa dessas pessoas simples, necessitadas, e eu não perceba que é Jesus »¹.

Cuidemos melhor, particularmente, os pormenores de piedade que tornam mais íntimo e caloroso o relacionamento com Deus, e que preparam para o Menino Jesus uma pousada acolhedora: por exemplo, fazer o sinal da Cruz com calma, sabendo-nos acolhidos pela Santíssima Trindade e salvos pela Cruz; recolhemo-nos, com naturalidade mas com fé, à hora de rezar antes das refeições ou de dar graças a Deus pelos alimentos; manifestar, nas genuflexões diante do presépio perene do Sacrário², a firmeza de uma fé concreta e atual; acompanhar uma esmola com um sorriso; cumprimentar a nossa Mãe com carinho, nas suas imagens, preparando, nestes primeiros dias de dezembro, a solenidade da sua Imaculada Conceição... Na aridez de certos dias, a Virgem Maria nos fará encontrar flores repletas de um bom aroma, do *bonus odor Christi*³, como narram as aparições da Virgem de Guadalupe a São Juan Diego, que celebramos no dia 12(...).

Não vos preocupeis se, apesar da nossa boa vontade, algumas vezes nos assaltam as distrações nas práticas de piedade. Mas lutemos por adquirir a necessária fortaleza sobrenatural e humana para rejeitá-las. Renovemos com perseverança o nosso desejo de construir dentro de nós um presépio vivo, onde acolhamos Jesus, à base de tempos de oração diante do presépio, mesmo que por vezes nos pareça que estamos com a cabeça nas nuvens. Lembrai-vos então de que São Josemaria não desanimava ao ver-se assim, nalguns momentos seus diante do Senhor. Em 1931, anotava: Conheço um burrico de tão má condição que, se tivesse estado em Belém junto do boi, ao invés de adorar, submisso, o Criador, teria é comido a palha do presépio⁴. Assim, enche-me de alegria que se mantenha em muitos países o costume cristão de fazer um presépio em casa.

Não deixeis de vos lembrar, especialmente nestes dias, das pessoas sós ou mais necessitadas, e a quem

podemos ajudar de uma forma ou de outra, conscientes de que os primeiros beneficiados somos nós. Procurai comunicar esta solicitude tão cristã a familiares, amigos, vizinhos, colegas: que detalhe bem cristão, entre tantos outros, o de alguns fiéis da Obra que vão dar de comer e de beber a pessoas sem teto durante algumas noites, e também aos que se ocupam na vigilância do descanso dos cidadãos.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ Papa Francisco, Discurso na audiência geral, 12-X-2016 (cfr. Santo Agostinho, Sermão 88, 14, 13).

² São Josemaria, AGP, sec A, leg 3, carp. 3, cit. em “Caminho. Edição comentada” (ed. Pedro Rodríguez) Quadrante, São Paulo, 2016 p. 912.

³ 2 *Cor* 2, 15.

⁴ São Josemaria, Apontamentos íntimos, n. 181 (25/03/1931). Cit. em J. L. Soria, “Mestre de Bom humor”, Quadrante, 3ª ed., São Paulo 2002, p. 75.

© Copyright

Oficina de Informação
do Opus Dei, 2016

www.opusdei.org.br